



SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE DANÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Av. Presidente Vargas, 583 B Salas 2206 e 2207 - Centro | Tel/Fax: 2531-7541 | 2224-5913

CEP: 20071-003 - Rio de Janeiro - RJ | [www.spdrj.com.br](http://www.spdrj.com.br) | [sindicato@spdrj.com.br](mailto:sindicato@spdrj.com.br)

CNPJ: 27.287.614/0001-52

## **Sindicato dos Profissionais de Dança do Estado do Rio de Janeiro**

### **Apostila de conteúdo e referências Para a Prova Teórica de Dança Cigana**

## APOSTILA DANÇA CIGANA

### A Cultura Cigana

A cultura cigana é uma das mais exóticas do planeta. Assim como pouco se sabe a respeito da origem do povo cigano, também é difícil o acesso aos reais ensinamentos e fundamentos de sua cultura milenar. A ignorância quanto ao estilo de vida e a visão de mundo do povo cigano tem retardado muito a compreensão de suas verdadeiras vocações e crenças.

Os ciganos desenvolveram grande habilidade comercial, são exímios artesãos e hábeis cavaleiros. Praticam as artes e possuem excelentes dons, notadamente para a música e a dança. Como meio de preservar sua cultura e tradição, os ciganos criaram um idioma próprio, o romani (rumanez). Este idioma não pode ser ensinado a ninguém que não seja de origem cigana, sob pena de severas punições da parte dos anciãos, velhos ciganos que legislam para toda a comunidade.

O código de honra e justiça dos ciganos é denominado Cris Romani.

Por estarem em permanente contato com outras culturas os ciganos herdaram muitos conhecimentos, ao mesmo tempo em que desenvolveram grande vidência e sensibilidade.

Os ciganos se dividem em grupos:

**Rom, Manouche ou Sinti, Kalons.**

**O Rom se divide num subgrupo que são: os Kalderash, Lovara, Tchurara.**

**O Manouche ou Sinti (Sinti-franceses, Sinti-alemães Sinti-italianos, Sinti prussianos da Prússia) falam o dialeto Sintó,**

**Os Kalon ou catalães e Andaluzes falam a língua Kaló.**

### **Brasil:**

**Os ciganos vieram para o Brasil oficialmente em 1574, quando João de Torres, tendo sido condenado às galés, fez petição ao rei dom Sebastião para que comutasse sua pena para degredo perpétuo no Brasil, visto que estava doente e não agüentaria as lides do mar. Entretanto, oficiosamente já estavam aqui desde 1568, quando para cá veio João Giciano, mulher e quatorze filhos**

*Existiam disposições régias proibindo entrada de ciganos em Portugal e que aqueles que lá estavam, se intentassem manter seus modos de vida e sua língua, deviam ser expulsos para o Maranhão.*

*Em 27 de agosto de 1865, Ordenações do Reino diz o seguinte: “Fica comutado aos ciganos o degredo da África para o Maranhão.” Em 15 de julho de 1686, Dom Pedro II, rei de Portugal, determinou que os ciganos vindos de Castela fossem exterminados e que filhos e netos (de ciganos) portugueses, tivessem **domicílio certo ou enviados para o Maranhão.***

Dom João<sup>[13]</sup> V (1689-1750), rei de Portugal, decretou a expulsão das mulheres ciganas para o Brasil. E no mesmo tom, anos a fio, promulgaram-se dezenas de leis, decretos, alvarás exilando ciganos para o Brasil. **E eles aportavam no Maranhão, Recife, Bahia e Rio de Janeiro**, onde estavam os núcleos coloniais mais importantes, mais desenvolvidos. O mesmo rei, Dom João V, proibiu-os de falarem o romani (língua dos ciganos).

Os ciganos do Rio de Janeiro, foram para o sul e de lá para Uruguai e Argentina. Mas também vieram da Argentina para nossas plagas. O testemunho que se segue é valioso:

Note-se que os ciganos (não os do Rio) usaram as grandes estradas dos tropeiros e justamente entraram também no Brasil, pelo Rio Grande do Sul. Já fiz notar que suas barracas ao contrário das dos tropeiros, tinham os fundos e não a frente para o caminho, eram grupos étnicos fechados, e ao contrário dos viandantes brasileiros, tão hospitaleiros e nada amigos de lograr, a não ser na barganha de animais: Barganha, um ganha e outro arreganha<sup>[14]</sup>.

Gustavo Barroso<sup>[15]</sup> (1888-1959), em seu texto *A raça*, admite que os ciganos tiveram grande influência no povoamento do Ceará. Está em seu livro *Aquém da Atlântida*, p. 268: Da,í passaram para a América e para o Brasil, especialmente para o Ceará, onde várias de suas tribos forma despejadas por ordens régias ao tempo do grande Marquês de Pombal. E nesse fato muitos querem ver a fonte do espírito errante, do caráter nômade, da alma andeja dos filhos da terra de Sol. Este tema até hoje permanece obscuro, merece ser aprofundado. O governo de Pernambuco não só os expulsou para o Ceará, como também os encarcerou na Ilha de Fernando de Noronha (1739). Isto é fato, pois há uma belíssima poesia, a *Cigana do cajueiro*, coligida por F. A. Pereira da Costa<sup>[16]</sup> (1851-1923), adiante transcrita.

No Piauí, ocorreu um massacre de ciganos em 1912. Foram também expulsos para Sergipe D'el Rei. E nas Alagoas, uma curiosa proposição mandava que eles fossem evacuados/exterminados pelos juizes de paz.

Portaria de 1718 mandava prender todo cigano que andasse pela Bahia, com ou sem licença do governo e, na Carta de 1725, mandava caçar todos ciganos que resistissem; isto é, que fossem passados pelas armas. Apesar da perseguição interminável, o número de ciganos na Bahia cresceu tanto que foram obrigados a concentrarem-se em um bairro, a Mouraria, e depois em outro, Santo Antônio do Além do Carmo.

Com relação a Minas Gerais, terra proibida a estrangeiros, e os ciganos eram assim considerados, eles enfrentaram a situação e, naturalmente, como todos os homens e mulheres da época, procuraram enriquecer-se com ouro e diamantes, quer garimpando, quer negociando com garimpeiros. Existem bons livros sobre ciganos em Minas Gerais, entre eles exalta-se o de João Dornas Filho: *Os ciganos em Minas Gerais*. Mas quem o lê verifica a via-crúcis dos ciganos em MG.

Não tiveram sossego, jamais. Perseguidos sempre, andavam de periferia em periferia das cidades, acampavam nos inóspitos lugares e negociavam ou montavam seus teatros mambembes e liam a buena-dicha. Eram detestados em Minas desde 1761, mas claro, estavam lá antes disso. Dornas Filho é quem nos indica que os ciganos

*procediam de todos os lados: de Belém do Pará, Maranhão, Ceará, Mato Grosso, Goiás, Rio de Janeiro, Pernambuco/Recife, confirmando a tese de que estavam em todo território brasileiro, desde cedo, e ajudando a ampliá-lo. Andando sem parar pelas estradas que não passavam de trilhas, foram conhecidos também como turcos, gringos e mascates. E quanta culpa levaram por causa dessa confusão étnica e profissional!*

*Em 1763, os ciganos participaram ativamente das festas em honra do primogênito de d. Maria I. Transcreve-se, na íntegra, o relato do livro Meios de transporte, no Rio de Janeiro, de Noronha Santos[41], p. 126. “Conforme a Epanáfora[42], citada por Varnhagem, constaram também estas festas de um desfile de carros das corporações de ofícios, carros e danças de ciganos que vieram com outras usanças até o século XIX...”*

*É histórico: grande número de ciganos acompanharam a comitiva de dom João VI em fuga para o Brasil, diante da invasão napoleônica a Portugal. Foi registrado pelo padre José Gonçalves Salvador, cognominado padre Perereca, que nas festas de casamento de dom Pedro I com dona Leopoldina, os ciganos fizeram muito sucesso com suas músicas, danças e cavalhadas, e com suas cantigas em língua própria. Ver tomo I:*

*... Finalmente entrarão pela Praça os Ciganos a cavalo, trazendo as mulheres na garupa; todas com ricos vestidos agaloados de ouro e prata, e, descendo dos cavalos, formarão, na frente do Camarim Real huma dança ao som de instrumentos, que foi grandemente applaudida pelo acerto, e primôr de sua execução” ...No tomo II este texto: ... E logo entrou na Praça a célebre dança dos ciganos, que compunha de seis homens, e outras tantas mulheres, vestidos todos com muita riqueza; pois tudo quanto apresentarão de ornato era veludo, e ouro, e sobre hum estrado fronteiro às Reais Pessoas executarão com muito garbo, e perfeição varias danças espanholas, que merecerão*

*universal*

*aceitação...*

*Agora, o texto de Mello Moraes Filho:*

*Em frente do palanque real, o rico e humanitário cigano Joaquim Antônio Rabelo mandara arranjar, com maior galhardia imaginável, seu tablado de preciosas madeiras. [...] Joaquim Antônio Rabelo, a quem a história nacional talvez um dia considere como uma força das agitações políticas da independência, assim o determinara para o dançado dos ciganos, a quem ensaiara com entusiasmo artístico e vestira a sua custa [...]. Os ciganos guiando soberbos cavalos brancos arreados com igualdade e riqueza, balançando penachos implantados em discos de forma lunar, luzidos criados transpõem as barreiras. Os bailadores trazem as bailadeiras à garupa: morenas, sedutoras como as profetizas gentias [...] restabelecido o silêncio, voltaram jubilosos aos seus palanques. Preludiam na guitarra uns acordes casados a vozes de uma cantilena em sua linguagem. A tradição olvidou a toada e as letras. Os dançarinos são aplaudidos e dom João VI, participando do agrado geral, fá-los virem a sua presença. Uma banda de música precede-os na maior ordem. Subindo o pavilhão, dois camaristas trazem, estendidos num coxim de púrpura, os prêmios que lhes eram destinados: patentes militares para os homens e jóias às mulheres. Joaquim Antônio*

Rabelo era sargento-mor de milícias da corte, foi-lhe concedida a mercê de melhoramentos de reforma no posto de tenente-coronel; e nomeados alferes agregados por ordenanças da corte, José Cardoso Rabelo, Manoel Lago, Antônio Vaz Salgado, Fernando José da Costa, José Luiz Mota, Baltazar Antônio Policarpo e João do Nascimento Natal.

O período de 1808-1818 foi a época de ouro dos ciganos no Brasil. Eles, olhados com bons olhos pela corte, por várias vezes foram chamados a participarem das festas de casamentos reais. Há registros que participaram do casamento da princesa da Beira com um infante da Espanha, conforme testemunho do Barão de Eschewege. Também outro evento foi registrado quando se elevou o Brasil a Reino Unido, em 1815. Tudo está nos livros de Mello Moraes Filho, J. B. China (1874-1941), Rodrigo Corrêa Teixeira e outros.

Em João Dornas Filho, *Ciganos em Minas Gerais*, pp. 139-40 está: “Dom João VI pensou e levou a cabo a idéia de povoar com ciganos o vale do Jaguaribe, de que se origina a introdução do tracoma ou oftalmia egípcia no Brasil, principalmente no Ceará...” [Nota: Na verdade, o tracoma nos veio da mãe África. Os ciganos também foram acusados de transmissores de lepra, agora já se sabe que a lepra, no-la trouxeram os escravos.]

No Estado de São Paulo, vários documentos atestam que os ciganos por lá passaram e lá estão. Augustin François César Prouvensal de Saint-Hilaire<sup>[43]</sup> (1779-1853) informa que topou com um grupo de ciganos em Urussanga e estabeleceu conversa com o capitão. Quando lhe disse da má impressão que traziam consigo, da sua esperteza nos negócios, o chefe respondeu-lhe: “É verdade, tentamos dar manta e, se conseguimos ou não, ficamos quietos; vocês têm a mesma intenção de nos enganar, porém quando não conseguem, espalham que foram iludidos por nós”.

J. B. d’Oliveira China<sup>[44]</sup> (1874-1941) relata as várias posturas contra os ciganos em São Paulo. Umas, mandando derrubar ranchos; outras, informando sobre ciganos vindo de Minas.

Francisca Roiz, cigana, em 1603 alimentou a comitiva do governador-geral, Francisco de Souza. Ela fora contratada pela Câmara para isso e saiu-se muito bem. Também montou a primeira loja em São Paulo. Na petição, a cigana se comprometia a ganhar apenas 10%, o que foi motivo de elogio, porque na terra paulistana imperava a idéia de lucros exagerados a curto prazo<sup>[45]</sup>.

O Santo Ofício também importunou os ciganos por aqui. A doutora Laura de Mello e Souza, da USP, informa que Heitor Furtado de Mendonça, em sua 1ª Visitação, em 1591, recebeu denúncias de ciganos por crimes contra a religião. Exemplo:

Violante Fernandes, viúva de um ferreiro cigano, também deportado de Portugal, agastada com as chuvas, dissera que “Deus mijava sobre ela que a desejava afogar”. Tareja Roiz ouvira da cigana Argelina que a cigana Maria Fernandes dissera: “que pesava de Deus porque chovia tanto”. In *Primeira Visitação, Denúncias da Bahia*,

pp. 385-386. Tareja Roiz negava a existência do dia do juízo. Idem, p. 192. Apud Laura de Mello e Souza: *O diabo e a Terra de Santa Cruz*.

*Os ciganos ainda hoje seguem sua sina. Espalhados em todo Brasil, uns ricos, outros pobres, extremamente pobres, fazem parte da nossa história, como nós outros fazemos. Temos de encontrar um modo de coexistência pacífica, afinal consideremos que todos nós temos alma um tanto cigana. Quem nunca sonhou em sair pelo mundo afora? E podemos ter, entre nossos antepassados, alguns de sangue boêmio. Aí estão Castro Alves, Juscelino Kubitschek*

### A EUROPA ( Espanha )

Os ciganos do sul da Espanha (*gitanos*) criaram esta música dia a dia desde sua chegada a Andaluzia no século XV. Dentro e fora do Flamenco acredita-se que vieram de uma região do **norte da Índia chamada Sid - atual Paquistão**.

Os ciganos tiveram que abandonar esta localidade devido a uma séria de conflitos bélicos e invasões de conquistadores estrangeiros. O fator desencadeador do exílio cigano teria sido a invasão de "Tamerian", descendente do famoso Gengis Khan. As tribos de Sid se mudaram para o Egito, onde permaneceram até sua expulsão. Seu destino seguinte foi a antiga Checoslováquia, mas, conscientes de que não iriam ser acolhidos em parte alguma por serem numerosos, decidiram dividir-se em três grupos que se repartiram pela Europa.

Estabeleceram-se na Rússia, Hungria, Polônia, Balcãs, Itália, França e Espanha. Os filhos do rei Sindel latinizaram seus nomes. Sindel passou a se chamar Miguel, Andrés se converteu em Andrés e Pamuel em Manuel. **O primeiro documento que certifica a entrada dos ciganos na Espanha é de 1447.**

Pouco depois que chegaram os primeiros grupos de ciganos a Espanha, Cristóvão Colombo partiu para estabelecer uma nova rota até as Índias e acabou aportando na América. **Os ciganos chegaram em um momento ruim, pois os reis católicos estavam empenhados em expulsar do país todo aquele que não fosse cristão e após a queda de Granada, em 1492, se iniciou uma série de expulsões e perseguições dos "não-católicos" (especialmente judeus e muçulmanos) que terminou somente séculos mais tarde.**

**Os ciganos tinham seus próprios costumes e tradições nômades. Além disso falavam o *Caló*, uma língua que desde a sua chegada assimilou partes do vocabulário castelhano que por sua vez adotou várias palavras ainda hoje usadas na Espanha, especialmente no sul. Os reis católicos proibiram o idioma *Caló* e os ciganos foram obrigados a fixarem suas residências e trabalhos.**

Durante o século XVI muitos trabalharam e morreram nas minas, vivendo em casas construídas nas grutas de montanhas onde centenas de judeus, muçulmanos e ciganos pagãos se instalaram fugindo das conversões forçadas comandadas pelos governantes e pela Igreja. A maior parte das celebrações ciganas passaram a ser realizadas em segredo, inclusive quando os próprios ciganos eram convidados a tocarem em festas

da alta sociedade. Nestas reuniões costumavam interpretar suas canções cujos textos falavam das injustiças cometidas contra eles pelas mesmas pessoas que os escutavam sem compreender os significados das letras.

Os principais centros e famílias flamencas se encontram ainda em bairros e cidades que serviram de refúgio para os ciganos: Alcalá, Utrera, Jerez, o Bairro de Triana em Sevilha. Com o tempo, as leis foram se tornando menos repressivas, os ciganos foram se integrando, e cada vez mais gente foi tomando interesse pelo Flamenco. Surgiram então os "*payos*" (não ciganos) decididos a conhecer e a interpretar a música cigana. Na música clássica alguns compositores buscaram inspiração nas melodias flamencas e dentro do mundo do violão é conhecido o intercâmbio contínuo entre músicos flamencos e clássicos.

A primeira transcrição da partitura de uma peça flamenca se encontra na ópera "A Máscara Afortunada" de Neri (Itália, século XVIII). Podemos dizer que no final do século XIX o Flamenco já havia estabelecido suas formas tal como se conhece hoje em dia. Por isso, é preciso lembrar-se sempre que o flamenco é uma música que nunca parou de evoluir desde suas origens e que permanece vivo e em constante transformação.

A dança flamenca é a expressão de um sentimento interior. Manifestação de um corpo que baila na mesma intensidade da emoção e personifica a todo momento, aquilo que está em suas raízes mais profundas e íntimas - "um grito de liberdade que jamais será perdido".

O flamenco é uma linguagem, uma cultura de projeção internacional. Espontâneo em suas origens, enuncia através do canto, do baile e do toque da guitarra sentimentos intensos e antagônicos. É a coluna vertebral de uma das mais antigas culturas mediterrâneas. Em suas "coplas" é crítico, misterioso, sensível, popular, sentencioso, dramático e religioso.

Como expressão artística, o flamenco nos dá a dimensão daquilo que nomeamos dor, abandono, solidão, desprezo, que são angústias pessoais enfrentadas quotidianamente (admitimos sermos mortais, toleramos males do corpo, deixamos de ser amados, suportamos o desamparo, agüentamos a falta de apreço e as desconsiderações). É esta dor que não tem responsáveis, não tem solução, que está no fundo de toda e qualquer expressão artística e muito especialmente nas raízes do que é flamenco.

## **Historia do Povo Cigano**

Em razão da ausência de uma história escrita, a origem e a história inicial dos povos *roma* foram um mistério por muito tempo. Até meados do século XVIII, teorias da origem dos *roma* se limitavam a especulações. No final do século, antropólogos culturais levantaram a hipótese da origem indiana dos *roma*, baseada na evidência linguística - o que foi posteriormente confirmado pelos dados genéticos.

Em 1777, Johann Christian Cristoph Rüdiger, professor da Universidade de Halle, na Alemanha, em carta ao linguista Hartwig Bacmeister, sugere uma possível ligação entre

o romani e as línguas da Índia. Rüdiger baseava suas conjecturas em pistas fornecidas pelo próprio Bacmeister e por seu professor, Christian Büttner, mas também na sua própria pesquisa, realizada com a ajuda de uma falante de romani, Barbara Makelin, e apoiada em gramáticas hindustani.

A hipótese teve ampla circulação entre seus colegas acadêmicos. Em 1782, Rüdiger publicou um artigo intitulado "Sobre o idioma indiano e a origem dos ciganos", no qual compara as estruturas gramaticais do romani com as do hindustani. Trabalhos seguintes deram apoio à hipótese de que a língua romani possuía a mesma origem das línguas indo-arianas do norte da Índia. Baseado no dialeto sinti, este é o primeiro esboço gramatical acerca de uma variedade do romani, e é também a primeira comparação sistemática do romani com outra língua indo-ariana.

Lista de línguas indo-arianas

Sânscrito, uma das línguas oficiais da Índia, usada por várias religiões e considerada a língua-mãe das línguas indo-europeias

Hindi, falado na Índia

Urdu, falado no Paquistão e língua oficial de Jammu e Caxemira, alguns distritos em AndhraPradesh, Deli e UttarPradesh

Dogri, língua oficial de Jammu e Caxemira

Caxemira, língua oficial de Jammu e Caxemira

Nepali, falado no Nepale em Siquim

Bengali, falado em Bangladesh e em Bengala Ocidental

Cingalês, falado no Sri Lanka

Divehi, língua oficial das Maldivas, considerada próxima do cingalês

Gujarati, oficial no estado de Gujarat, na Índia

Concani, língua oficial de Goa

Punjabi, oficial no estado de Punjab, dividido entre Índia e Paquistão

Marati, oficial no estado de Maharashtra, Índia

Oria, oficial no estado de Orissa, Índia

Bihari, oficial no estado de Bihar, Índia

Hariani, oficial no estado de Haryana, Índia

Assamês e bodo, línguas oficiais de Assam

Sindi, oficial na província de Sind, Paquistão

Manipuri ou Meithei, língua oficial de Manipur

Maithili, língua oficial de Bihar

Sindi

Santali

Romani, língua dos ciganos

### **Origem e migrações**

Os *roma* originaram-se de populações do noroeste do subcontinente indiano, das regiões do Punjab e do Rajastão, obrigadas a emigrar em direção ao ocidente, possivelmente em ondas, entre c. 500 e c. 1000 d.C.. Iniciaram a sua migração para a Europa e África do Norte, pelo planalto iraniano, no século XI, por volta de 1050. A saída da Índia provavelmente ocorreu no contexto das invasões do



sultão Mahmud de Ghazni (região do atual Afeganistão).<sup>[26]</sup> Mahmud fez várias incursões no norte da Índia, capturando os povos que ali viviam. Segundo o antropólogo José Pereira Bastos, professor da Universidade Nova de Lisboa, no inverno de 1019 -1020, o sultão saqueou a cidade sagrada de Kannauj, que era então "uma das mais antigas e letradas da Índia, capturando milhares de pessoas, e vendendo-as em seguida aos persas". Estes, por sua vez, venderam os prisioneiros como escravos na Europa. No Leste Europeu, cerca de 2.300 deles foram para a zona dos principados cristãos ortodoxos da Transilvânia e da Moldávia, onde foram convertidos em escravos do príncipe, dos conventos e dos latifundiários

Já no século XIV, devido à conquista territorial e política de estados indianos, muitas caravanas rom partiram para a Europa, Oriente Médio e Norte da África. É segunda onda migratória, que os *roma* denominam *Aresajipe*. Um primeiro grupo tomou rumo oeste e atingiu a Europa através da Grécia; o segundo partiu para o sul, adentrando o Império Bizantino e chegando à Síria, Egito e Palestina.

**Na Europa, em razão de clivagens internas e da interação com as várias populações europeias, os *roma* emergiram como um conjunto de grupos étnicos distintos, dentro de um conjunto maior. Alguns desses grupos foram escravizados nos Bálcãs, no território da atual Romênia, enquanto outros puderam se movimentar, espalhando-se principalmente pela Hungria, Áustria e Boêmia, chegando à Alemanha em 1417. Em 1422 chegam a Bolonha. Em 1428, já havia ciganos na França e na Suíça. Em 1500, surgiram os primeiros ciganos ingleses.**

A terceira onda migratória deu-se entre o século XIX e início do século XX, da Europa para as Américas, após a abolição da servidão na Europa Oriental, entre 1856 e 1864. Alguns estudiosos apontam ainda a ocorrência de uma outra grande migração, proveniente da Europa Oriental, desde a queda do Muro de Berlim.<sup>[2]</sup>

Perseguições

Durante as perseguições do século XV, contra judeus e muçulmanos, começa também a caça aos ciganos. Segundo o antropólogo José Pereira Bastos, professor da Universidade Nova de Lisboa, "eram considerados vagabundos e delinquentes. Na Alemanha e nos Países Baixos, eram exterminados a tiros por caçadores pagos por cabeça. Na Europa, o propósito de extermínio dos ciganos sempre foi muito claro".<sup>[27]</sup> Os anos de 1555 e 1780 são particularmente marcados por atos de violência contra os ciganos, em vários países.

A falta de uma ligação histórica precisa a uma pátria definida ou a uma origem segura não permitia que fossem reconhecidos como grupo étnico bem individualizado, ainda que por longo tempo tenham sido qualificados como egípcios. O clima de suspeitas e preconceitos se percebe no florescimento de lendas e provérbios tendendo a pôr os *roma* sob mau prisma, a ponto de recorrer-se à Bíblia para considerá-los descendentes de Caim, e portanto, malditos.<sup>[30][31]</sup> Difundiu-se também a lenda de que eles teriam fabricado os pregos que serviram para crucificar Jesus (ou, segundo outra versão, que eles teriam roubado o quarto prego, tornando assim mais dolorosa a crucificação). Caracterizados pelo nomadismo, o modo de vida dos ciganos e suas condições de subsistência são sempre determinados pelo país em que se encontram: os mais ricos são os ciganos suecos e os mais pobres encontram-se nos Bálcãs e no sul da Espanha.

Embora mantendo sua identidade, em alguns aspectos os *roma* revelam grande capacidade de integração cultural: sempre professam a religião local dominante, da mesma forma que suas danças, músicas, narrativas e provérbios manifestam a assimilação da cultura no meio em que vivem. Sua capacidade de assimilar a música folclórica permitiu que muitas peças fossem salvas do esquecimento, principalmente as do Oeste Europeu. Excluindo as publicações soviéticas sobre o assunto, existem apenas nove livros escritos em romani.

Durante a Segunda Guerra Mundial, entre duzentos e quinhentos mil ciganos europeus teriam sido exterminados nos campos de concentração nazistas. Entre os roma, o massacre é denominado de *porajmos* e começou a ser recuperado pela historiografia apenas a partir dos anos 1970.

No dia 2 de abril de 2009, o presidente do Parlamento Europeu, Hans-Gert Pöttering, recebeu um prêmio pelo trabalho desenvolvido pelo Parlamento Europeu na defesa dos direitos da comunidade rom na Europa. O prêmio foi entregue por representantes das principais organizações europeias, em nome da comunidade rom, antes do Dia Internacional dos Roma, que se celebra no dia 8 de abril. Dos 12 a 15 milhões de roma que vivem na Europa, 10 milhões vivem em Estados-Membros da União Europeia, a maioria dos quais adquiriu a cidadania europeia com o alargamento de 2004 e a adesão da Romênia e da Bulgária em 2007.

Polêmica envolvendo o termo

Em 2012, O Ministério Público Federal (MPF) ajuizou, no dia 22 de fevereiro uma ação civil pública contra a Editora Objetiva e o Instituto Houaiss, solicitando a imediata retirada de circulação, suspensão de tiragem, venda e distribuição das edições do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, sob a alegação de que a publicação é discriminatória e preconceituosa em relação à etnia cigana. A palavra "cigano" tem, no dicionário, como um de seus significados, "que ou aquele que trapaceia; velhaco, burlador" e "que ou aquele que faz barganha, que é apegado ao dinheiro; agiota, sovina". Estes termos são expressos para uso da palavra cigano de forma pejorativa, ou seja, de forma depreciativa.

## Religião

Os roma não têm uma religião própria, um deus próprio, sacerdotes ou cultos originais. Parece singular o fato de que um povo não tenha cultivado, no decorrer dos séculos, crenças em uma divindade particular, nem mesmo primitiva, do tipo antropomórfico outotêmico. O mundo do sobrenatural é constituído pela presença de uma força benéfica, *Delou Devél*, e de uma força maléfica, *Beng*, contrapostas, numa espécie de zoroastrismo, provável resíduo de influências que esta crença teve sobre grupos que, em época remota, atravessaram o Irã. Ademais, as crenças ciganas incluem uma série de entidades, cuja presença se manifesta sobretudo à noite. Mas, em geral, os *roma* parecem ter-se adaptado, ao longo da história, às confissões vigentes nos países que os hospedaram, embora sua adesão pareça ser exterior e superficial, com maior atenção aos aspectos coreográficos das cerimônias, como as procissões e as peregrinações, próprias de uma religiosidade popular, sobretudo católica. Um sinal de mudança se dá pela difusão do movimento pentecostal, ocorrida a partir dos anos 1950, através da Missão Evangélica

Cigana, surgida na França. Em seguida a isso, registram-se, todavia, profundas lacerações no interior de muitas famílias, devido às radicais mudanças de costume que a adesão a essa religião impõe, dada a natureza fundamentalista do movimento religioso em questão. Tais imposições muitas vezes acabam por induzir os *roma* a uma recusa de suas peculiaridades culturais.

A maioria dos *roma* fala algum dialeto do romani, língua muito próxima das modernas línguas indo-europeias do norte da Índia e do Paquistão, tais como o prácrito, o marati e opunjabi.

## Cultura

Os *roma* não representam, como já se salientou, um povo compacto e homogêneo. Mesmo pertencendo a uma única etnia, existe a hipótese de que a migração desde a Índia tenha sido fracionada no tempo e que, desde a origem, eles fossem divididos em grupos e subgrupos, falando dialetos diferentes, ainda que afins entre si. O acréscimo de componentes léxicos e sintáticos das línguas faladas nos países que atravessaram no decorrer dos séculos acentuou fortemente tal diversificação, a tal ponto que podem ser tranquilamente definidos como dois grupos separados, que reúnem subgrupos muitas vezes em evidente contraste social entre si.

As diferenças de vida, a forte vocação ao nomadismo de alguns, contra a tendência à sedentarização de outros pode gerar uma série de contrastes que não se limitam a uma simples incapacidade de conviver pacificamente. Em linhas gerais poder-se-ia afirmar que os sintos são menos conservadores e tendem a esquecer com maior rapidez a cultura ancestral. Talvez este fato não seja recente, mas de qualquer modo é atribuído às condições socioculturais nas quais por longo tempo viveram.

que mais influenciaram nas formas modernas do romani estão o grego, o húngaro e o espanhol.<sup>1</sup>

Quanto aos *roma* de imigração mais recente, nota-se, ao invés, uma maior tendência à conservação das tradições, da língua e dos costumes próprios dos diversos subgrupos. Sua origem, de países essencialmente agrícolas do leste europeu, favoreceu certamente a conservação de modos de vida tradicionais. Antigamente, era muito respeitado o período da gravidez e o tempo sucessivo ao nascimento do herdeiro; havia o conceito da impureza ligada ao nascimento, com várias proibições para a parturiente. O aleitamento ainda dura muito tempo, às vezes se prolongando por alguns anos.

No casamento, tende-se a escolher o cônjuge dentro do próprio grupo ou subgrupo, com notáveis vantagens econômicas. É possível a um rom casar-se com uma *gadjí*, isto é, uma mulher não-rom, a qual deverá porém submeter-se às regras e às tradições rom. Vigem naturalmente o dote.

No grupo dos sintos, geralmente o casamento é precedido pela fuga do casal. Aos filhos é dada uma grande liberdade, mesmo porque logo deverão contribuir com o sustento da família e com o cuidado dos menores. No que se refere à morte e aos ritos a ela conexos, o luto pelo desaparecimento de um companheiro dura em geral muito tempo.

Entre os sintos parece prevalecer o costume de se queimar a *kampína* (o trailer) e os objetos pertencentes ao morto. Entre os ritos fúnebres praticados pelos *roma* está a *pomána*, banquete fúnebre no qual se celebra o aniversário da morte de uma

pessoa. A abundância de alimento e bebidas exprime o desejo de paz e felicidade para o defunto.



Além da família extensa, entre os *roma* encontramos a *kumpánia*, ou seja, o conjunto de várias famílias (não necessariamente unidas entre si por laços de parentesco) mas todas pertencentes ao mesmo grupo, ao mesmo subgrupo ou a subgrupos afins.

O nômade é por sua própria natureza individualista e mal suporta a presença de um chefe: se tal figura não existe entre os *roma*, é entretanto devido o respeito para com os mais velhos, que sempre são solicitados a dirimir eventuais controvérsias.

Entre os *roma*, a máxima autoridade judiciária é constituída pelo *krisnitóri*, isto é, por aquele que preside a *kris*. A *kris* é um verdadeiro tribunal rom, constituído pelos membros mais velhos do grupo, que se reúne em casos especiais, para resolver problemas delicados, envolvendo controvérsias matrimoniais ou ações que resultem em danos a membros do grupo. Na *kris* podem participar também as mulheres, que são admitidas para falar. A decisão cabe aos anciãos designados, presididos pelo *krisnitóri*. Ouvidas as partes litigantes, é punida a parte culpada.

Em tempos recentes a controvérsia se resolve, em geral, com o pagamento de uma soma proporcional ao tamanho da culpa. No passado, se a culpa era particularmente grave, a punição podia consistir no afastamento do grupo ou, às vezes, em castigos corporais.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ciganos>

## BANDEIRA CIGANA

A Bandeira como símbolo de um grupo, têm seu significado "encantado"!

Esta bandeira foi instituída como símbolo internacional de todos os Ciganos do mundo no ano de 1971 NO DIA 08 DE ABRIL , pela Internacional GypsyCommitteeOrganized no " First World RomaniCongress " - Primeiro Congresso Mundial Cigano - realizado em Londres.

A roda vermelha no centro da bandeira simboliza a vida, representa o caminho a percorrer e o já percorrido. A tradição, como continuísmo eterno, se sobrepõe ao azul e ao verde, com seus aros representando a força do fogo, da transformação e do movimento.

O azul representa os valores espirituais, a paz, a ligação do consciente com os mundos superiores, significando libertação e liberdade.

O verde representa a Mãe Natureza, a terra, o mundo orgânico, a força da luz do crescimento vinculado com as matas, com os caminhos desbravados e abertos pelos Ciganos. Representa o sentimento de gratidão e respeito pela terra, de preservação da natureza pelo que ela nos oferece, proporcionando a sobrevivência do homem e a obrigação de ser respeitada pelo homem, que dela retira seus suprimentos, devendo mantê-la e defendê-la.

## **Dia Nacional do Cigano - 24 DE MAIO**

Wikipédia, a enciclopédia livre

é comemorado oficialmente no Brasil no dia 24 de maio. Foi comemorado pela primeira vez em 24 de maio de 2007, com uma programação especial da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir). Como parte da programação, foi lançado o carimbo e o selo cigano, pelas Empresas Brasileiras de Correios e Telégrafos (ECT), em homenagem ao fato histórico da participação do povo cigano na facilitação das comunicações. Também foi feito o anúncio da Cartilha de Direitos da Etnia Cigana, por meio da Secretaria Especial dos Direitos Humanos. O povo cigano inclui os Roms, Sintos e Calons, todos originados de um povo nômade oriundo do norte da Índia.

O **Dia Nacional do Cigano** foi instituído em 25 de maio de 2006 por meio de decreto assinado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em reconhecimento à contribuição da etnia cigana na formação da história e da identidade cultural brasileira.

No calendário cigano, o dia 24 de maio é dedicado a Santa Sara Kali, padroeira dos povos ciganos.

Em Portugal, o Dia Nacional do Cigano é comemorado em 24 de junho, festa de S. João Baptista, dia tradicionalmente festejado pelos ciganos desse país.

## **Dia Internacional dos Ciganos**

**(International Roma Day) - 08 DE ABRIL**

são a maior minoria étnica na Europa, perfazendo 8 milhões de pessoas. O Dia Internacional dos Ciganos foi criado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1971, por meio de ampla campanha liderada pelo ator americano cigano YullBriner

## **HINO CIGANO (LETRAS EM ROMANÍ E PORTUGUÊS)**

### **Em Romani:**

DgelemDgelem

Dgelem, Dgelemlungonedromentsa  
Maladjilembhartaléromentsa  
Ai, ai, romale, ai shavalê (bis)

Naístumengueshavale  
Patshivdanmanromale  
Ai, ai, romale, ai shavalê (bis)

Vi mande sasromniayshukarshavê  
Mudarde mura família  
Lê katany ande kale  
Ai, ai, romale, ai shavalê (bis)

Shinde muro ilô  
Pagerdemury luma  
Ai, ai, romale, ai shavalê (bis)

OpréRomáAvenputras nevo dromoro  
Ai, ai, romale, ai shavalê (bis)

### **Em Português:**

Caminhei Caminhei

Caminhei, caminhei longas estradas  
Encontrei-me com romá (ciganos) de sorte  
Ai, ai ciganos, ai jovens ciganos

Obrigado rapazes ciganos  
Pela festa louvor que me dão  
Eu também tive mulher e filhos bonitos  
Mataram minha família  
Os soldados de uniforme preto

Ai, ai ciganos, ai jovens ciganos  
Cortaram meu coração  
Destruíram meu mundo  
Ai, ai ciganos, ai jovens ciganos  
Pra cima Romá (Ciganos)

Avante vamos abrir novos caminhos  
Ai, ai ciganos, ai jovens ciganos!!!